

DO "CONHECIMENTO EM TERCEIRA PESSOA"
À ESCRITA DE SI: A REPRESENTAÇÃO DO
HOMEM NEGRO EM *BOM-CRIOULO* (1895) E
EM *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS
CAMINHA* (1909)

FROM "THIRD-PERSON KNOWLEDGE" TO SELF-
WRITING: THE REPRESENTATION OF THE BLACK
MEN IN *BOM CRIOULO* (1895) AND MEMORIES OF
THE SCRIVENER ISAÍAS CAMINHA (1909)

Samuel Maciel

Mestre em História e Letras pela Universidade Estadual do
Ceará – Brasil.

E-mail samuel.martins@aluno.uece.br

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5750-6668>

Rodrigo Marques

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Ceará – Brasil.
Realizou estágio pós-doutoral em Letras na Universidade de
São Paulo – Brasil. Professor da Universidade Estadual do
Ceará – Brasil.

E-mail: rodrigo.marques@uece.br

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9571-8554>

RESUMO: Durante o Realismo-Naturalismo brasileiro, na virada do século XIX para o XX, a pessoa negra adentra às narrativas de ficção como personagem de relevante destaque, como é o caso em *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, e *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* (1909), de Lima Barreto. A despeito do protagonismo, pode-se ressaltar um lugar social à margem, tensionado pelo contexto racial, que se faz comum para estes dois casos. Sob essa ótica, este trabalho tem como objetivo observar a representação dada a essas personagens, numa linha de raciocínio que delinea os elementos de composição destes seres de ficção. Assim, ocorre a análise da estrutura que dá forma a Amaro e Isaiás Caminha, o primeiro um marinheiro negro inventado pelo autor branco Adolfo Caminha, e o segundo um escrivo, também negro, criação do autor negro Lima Barreto. Em vista disso, nesta análise, é discutido o lugar racial de enunciação dos autores perante as suas criações, o que nos leva a refletir sobre o lugar de representação a que as personagens são relegadas, entre objeto e sujeito (PROENÇA FILHO, 2004), ao mesmo tempo, em que se percebe um certo distanciamento ou uma certa aproximação no que se trata da existência e do (re)conhecimento narrado em terceira pessoa ou em primeira pessoa do homem negro (FANON, 2008).

Palavras-chave: Representação; autoria; personagem; homem negro brasileiro.

ABSTRACT: During Brazilian Realism-Naturalism, at the turn of the 19th to the 20th century, black people enter the fiction narratives as relevant prominent characters, as is the case in *Bom Crioulo* (1895), by Adolfo Caminha, and *Memories of the scrivener Isaiás Caminha* (1909), by Lima Barreto. About the protagonist, a social place in the margins can be highlighted, strained by the racial context, which is common to both. From this perspective, this paper aims to observe the representation of these characters, in a line of reasoning that outlines the elements of the composition of these fictional beings. Thus, there is the analysis of the structure

that shapes Amaro and Isaiás Caminha, the first character, a black sailor man invented by the white author Adolfo Caminha, and the second one, a scrivener, also black, created by the black author Lima Barreto. According to this, this analysis, the racial place of enunciation of the authors towards their creations is discussed, which leads us to reflect on the place of representation to which the characters are relegated, between object and subject (PROENÇA FILHO, 2004), meanwhile, a certain distance or a certain approximation is perceived when it comes to the existence and the (re)knowledge narrated in third person or first person of a black man (FANON, 2008).

Keywords: representation; authorship; character; brazilian black men.

1 INTRODUÇÃO

O gênero romance tem em sua gênese vínculo com a burguesia e com o que se diz nestes tempos como branquitude¹. A experiência de homens e mulheres negras brasileiras com a escrita de ficção se dá tardiamente, dado o contexto histórico de escravidão e negação de direito à educação. No século XIX, muitas das experiências que se dá nota de pessoas negras que escreveram livros esteve ligada ao autodidatismo ou a algum caso excepcional, conjuntura que distanciou, de fato, negros e negras do mundo da cultura escrita.

Na literatura brasileira, dois escritores destoam nos sentidos que se dava à representação da pessoa negra nos oitocentos. Luiz Gama e Maria Firmina dos Reis experienciam na poesia e na ficção,

¹ Na ordem do poder, diz sobre o usufruto do privilégio racial obtido por pessoas brancas em sociedades racistas, na qual a cosmovisão de mundo que prevalece é a que sustenta os valores do branco.

respectivamente, um novo olhar sobre a existência de afrodescendentes no Brasil. Para Gama e Reis o/a negro/a é humano. No primeiro, a estética do corpo negro é valorizada pelo autointitulado “Orfeu de Carapinha” nas suas *Trovas Burlescas*, publicação de 1859; na segunda, a mulher africana vinda por meio do sequestro e do tráfico tem a oportunidade de narrar a sua própria experiência em primeira pessoa, e o resultado disso introduz novos significados ao que se entendia como civilização e barbárie:

E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudestes avaliar!... (REIS, 2017, p. 103)

Para Preta Susana, personagem de *Úrsula*, também de 1859, os bárbaros eram os exploradores europeus que invadiam as suas terras, diferente do discurso do colonizador que associa a sua chegada ao pretexto de missão civilizatória. Tal tipo de enunciação não é encontrada até aquele período, não à toa, ambos os escritores são negros e tiveram em suas vidas políticas engajamento social com

causas populares. Gama, por meio do exercício do magistado, no incessante desejo de libertação da população negra escravizada, e Reis através da educação, como professora e depois fundadora de uma escola mista, entre meninas e meninos, de acesso gratuito. O engajamento da maranhense e do baiano alimentou o desgosto da crítica literária, predominantemente branca, que relegou os dois ao esquecimento, de tal forma que as obras de ambos retornaram ao meio literário por volta da década de 1970.

A posteriori, os dois escritores vieram a ser considerados como precursores do que hoje se compreende como Literatura Afro-brasileira ou Negro-brasileira. Por ter elementos que instituem um novo segmento à Literatura Brasileira, sobretudo por diferenciar-se do ideal de identidade nacional que subalterniza a população negra por meio de uma representação repleta de estigmas que a constrói enquanto objeto. Atrelado a esse aspecto a autoria negra em concordância com a ruptura do estereótipo sobre o negro e a negra são elementos que possibilitam o olhar para essa nova concepção dentro da Literatura Brasileira que tem como semente a escrevivência².

Ademais, outra dupla de escritores, Adolfo Caminha e Lima Barreto, o primeiro branco, o segundo negro, alguns anos depois, publicam romances em que a personagem negra aparece com lugar de protagonismo. Nesse sentido, Cuti (2010) lembra que na literatura brasileira

² “Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 30).

durante o Realismo, Naturalismo e Parnasianismo:

os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravidão havia coisificado os africanos e sua descendência. A literatura, como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e, portanto, humanidade (CUTI, 2010, p. 16).

No *Bom-Crioulo* (1895), de Caminha, podemos perceber nuances que dão contornos complexos a respeito da construção da personagem negra, principalmente no tocante a Amaro, o Bom-Crioulo. Isso se dá não apenas pela combinação entre raça, gênero e sexualidade da personagem, mas pelo antagonismo que se vê em torno da caracterização do marinheiro, assim como pelas ideias do autor. No entanto, em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, de 1909, autoria de Lima Barreto, essa predominância inferiorizante que Cuti (2010) se refere é subvertida. Nesse contexto, se faz necessário compreender sob quais aspectos a personagem negra aparece nestas obras, a observar os elementos que a estruturam, tais como a fisionomia, o arquétipo e o lugar social.

2 BOM-CRIOULO: “O NEGRO PARECIA UMA FERA DESENCARCERADA”

Na literatura brasileira, a representação da personagem negra se dá entre o lugar de sujeito e de objeto (PROENÇA FILHO, 2004). Por esse prisma, fica nítido ver como os anseios de constituir uma identidade nacional provocou, desde os românticos, uma visão distanciada sobre a experiência do homem negro e da mulher negra, sobretudo pela escrita de autores brancos.

Publicado em 1895, *Bom-Crioulo* se passa num período anterior à Abolição da Escravidão no Brasil e tem como seu autor um abolicionista. Além disso, Adolfo Caminha delinea sua obra em acordo com as características do movimento literário naturalista, panfletário de teorias pseudocientíficas. A convergência dos ideais abolicionistas e naturalistas em *Bom-Crioulo* são transparentes e Amaro é o núcleo desse enredo. Nessa perspectiva, será analisado como essas ideias se relacionam ao mesmo tempo em que criam a representação de um homem negro no século XIX.

Isto posto, Bezerra (2009) elucida o período literário e o autor:

O realismo e o naturalismo trouxeram para o centro da cena literária brasileira temas e representações de sujeitos ainda não vistos, como o negro, o pobre, o escravo, o homossexual, todos esses presentes na obra de Adolfo Caminha, especialmente em seu *Bom-Crioulo* (BEZERRA, 2009, p. 16).

Diante disso, partimos da premissa suscitada por Williams (2011, p. 61), considerando que “A literatura apresenta-se, desde o início, como

uma prática na sociedade". Pensamento que ratifica o diálogo que aqui se propõe em entender o literário lançando olhar sobre os fenômenos históricos e sociais que mutuamente reverberam no campo literário.

O que isso nos mostra sobre a prática da análise é que temos de romper com a ideia difundida do isolamento do objeto para, então, descobriremos seus componentes; temos de descobrir a natureza de uma prática, e, então, as suas condições (WILLIAMS, 2011, p. 64).

Ao lidar com o "objeto", pretendemos analisar quais são os seus componentes, para, em seguida, identificar os significados e valores expressos na representação da personagem.

No que diz respeito à obra, como de costume, dentro da rotina da corveta, navio de guerra, havia um momento para o castigo público daqueles que de alguma forma causavam transtorno para os oficiais. Três homens são designados à chibata, entre eles, o terceiro é Amaro:

Seguia-se o terceiro preso, um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração decadente e enervada, e cuja presença ali, naquela ocasião, despertava grande interesse e viva curiosidade: era o Amaro, gajeiro da proa, — o Bom-Crioulo na gíria de bordo (CAMINHA, 2021, p. 6).

O tipo físico de Amaro é o primeiro aspecto a ser apresentado diante de todas as suas características. Chama atenção o fato de o narrador colocar o "formidável sistema de músculos" de Amaro como desafiante,

destoante da "morbidez patológica de toda uma geração decadente e enervada", referindo-se aos demais homens negros ali presentes. Nesse trecho, o narrador de Caminha posiciona-se, aponta a "morbidez patológica" dos semelhantes de Amaro, afrodescendentes (de cafre). Ao considerar a condição racial de matriz afro vinculada ao patológico, nota-se uma ideia de hierarquia racial, perante a concepção de decadência iminente do povo negro, muito presente nos naturalistas, entre eles Caminha, como assevera Sânzio de Azevedo: "Abraçando o Naturalismo, encontrou o escritor cearense a estética ideal para seu temperamento combativo." (AZEVEDO, 2007, p. 86).

De fato, o corpo de Amaro destoa não apenas em relação aos companheiros de bordo, mas também como elemento preponderante de sua identidade, de acordo com os destaques do narrador. Isso mais uma vez se confirma quando as condições privilegiadas de seu corpo são atribuídas a um "dom precioso e natural" (CAMINHA, 2021, p. 7). Nesse caso, a fisionomia é o elemento primeiro e central. É "natural" ao mesmo tempo em que assusta.

Ainda apresentando a personagem, o narrador revela mais uma face de Amaro, agora quando este está embriagado:

Porque Bom-Crioulo de longe em longe sorvia o seu gole de aguardente, chegando mesmo a se chafurdar em bebedeiras que o obrigavam a toda sorte de loucuras.

Armava-se de navalha, ia para o cais, todo transfigurado, os olhos dardejando fogo, o boné de um lado, a camisa aberta num desleixo de louco, e então era um risco, uma temeridade alguém aproximar-se dele. O negro parecia uma fera desencarcerada: fazia todo mundo fugir, marinheiros e homens da praia, porque ninguém estava para sofrer uma agressão... (CAMINHA, 2021, p. 7).

Sob condições naturais Bom-Crioulo já impõe medo, sob o efeito do álcool “fazia todo mundo fugir”. A associação do negro a uma “fera desencarcerada” faz alusão ao que Fanon (2008) expressa quando analisa o efeito da linguagem na produção do racismo: “E ninguém pensa em contestar que ela alimenta sua veia principal no coração das diversas teorias que fizeram do negro o meio do caminho no desenvolvimento do macaco até o homem.” (FANON, 2008, p. 33). Quer dizer, Bom-Crioulo não chega a ser representado como um animal, de fato, mas também não se pode dizer que ele está retratado como um homem, em plenas condições. Ele se localiza no meio do caminho, porque, como vai mostrar o narrador, ele transita entre experiências que o caricaturizam como bicho e, em outras passagens, os seus sentimentos são expressos com sensibilidade, característica genuinamente humana.

Eis que Bom-Crioulo é castigado, porém, tamanha é a sua resistência física que o carrasco é quem primeiro demonstra cansaço. “A chibata não lhe fazia mossa; tinha costas de ferro para resistir como um Hércules ao pulso do guardião Agostinho. Já nem se lembrava do número das vezes que apanhara de chibata... (CAMINHA, 2021, p. 7)”. Das qualidades de um semideus, a sua era a força, o que só reitera a força bruta que faz de Amaro um personagem caricato.

Até aqui se vê uma “personagem de costumes”, como coloca Antonio Candido (2014):

As personagens de costumes são, portanto, apresentadas por meio de traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados [...] Estes traços são fixados de uma vez para sempre, e cada vez que a personagem surge na ação, basta

invocar um deles. Como se vê, é o processo fundamental da caricatura [...] Personagens, em suma, dominados com exclusividade por uma característica invariável e desde logo revelada (CANDIDO, 2014, p. 61-62).

As personagens de costumes são comuns nos romances românticos, caracterizando personagens pictóricos, essenciais, viventes de peripécias etc. Como veia do estilo naturalista, revelar a realidade sob a luz da ciência era o motor para a construção das personagens. Perante esse aspecto, Caminha constrói o personagem Bom-Crioulo com “traços distintivos”, mas rompe com esse modelo, ainda que sob as condições que o caricaturizam, atribuindo ao protagonista uma jornada afetiva, tomada de desejo por Aleixo, seu companheiro de bordo.

O segundo capítulo da obra mira outros caracteres para a narrativa. Fala-se de abolicionismo, o narrador adentra à subjetividade de Amaro. O personagem é reconhecido sob o olhar da complacência, os seus sentimentos são expressos.

Inda estava longe, bem longe a vitória do abolicionismo, quando Bom-Crioulo, então simplesmente Amaro, veio, ninguém sabe donde, metido em roupas d’algodãozinho, trouxa ao ombro, grande chapéu de palha na cabeça e alpercatas de couro cru. Menor (teria dezoito anos), ignorando as dificuldades por que passa todo homem de cor em um meio escravocrata e profundamente superficial como era a Corte — ingênuo e resoluto, abalou sem ao menos pensar nas conseqüências da fuga (CAMINHA, 2021, p. 8).

Vê-se no trecho a resiliência de Amaro, que atravessa as adversidades do período escravocrata na Corte. Nesse momento,

percebemos que o narrador se aproxima da personagem, a partir de sua onisciência, enxerga além dos atributos externos a sua intimidade, mostra a sua experiência enquanto homem “ingênuo”.

Diante de sua fuga, Amaro consegue ser aceito em uma embarcação e torna-se tripulante. O que para ele era uma conquista e motivo de ânimo, frente ao sofrimento que deve ter motivado a sua fuga. Amaro tornara-se um marinheiro e não deixava de ser um escravo fugido, ainda assim, sentia-se livre.

[...] os companheiros mesmo que iam remando igual, como se fossem um só braço –, e sobretudo, meu Deus!, sobretudo o ambiente largo e iluminado da baía: enfim, todo o conjunto da paisagem comunicava-lhe uma sensação tão forte de liberdade e vida, que até lhe vinha vontade de chorar, mas de chorar francamente, abertamente, na presença dos outros, como se estivesse enlouquecendo... (CAMINHA, 2021, p. 8).

A imensidão do mar, a noite refletida na água entusiasmavam Amaro, faziam-lhe sentir-se vivo. O apogeu da sua emoção é marcado por uma forte vontade de chorar, o que não culmina em lágrimas, mas denuncia a humanidade que há no personagem, sendo expressa pelos seus sentimentos.

Ele, o escravo, o “negro fugido” sentia-se verdadeiramente homem, igual aos outros homens, feliz de o ser, grande como a natureza, em toda a pujança viril da sua mocidade, e tinha pena, muita pena dos que ficavam na “fazenda” trabalhando, sem ganhar dinheiro, desde a madrugada té... sabe Deus! (CAMINHA, 2021, p. 9).

Apesar de ter consigo as lembranças que o taxam como um “negro fugido”, Amaro sentia-se homem, em um estado de igualdade aos colegas marinheiros. Vale lembrar que não estava livre da chibata, mas a sua chegada à corveta o fez feliz, o fez lamentar o sofrimento dos que ficavam na fazenda, o fez sentir-se homem, como já dito. E, tal representação, alude aos ideais abolicionistas, marcados pelo desejo de abolir a escravidão e, pelo menos enquanto ideia, considerar os/as negros/as escravizados/as não mais como mercadoria, e sim como homens e mulheres, plenos de humanidade ou trabalhadores livres. O que vem a gerar conflito com os princípios dos naturalistas, defensores do racismo científico concebido pelos positivistas. Por um lado, isso pode ser visto como contradição de ideias do autor, por outro, sem excluir o anterior, torna a representação do personagem Amaro ambígua.

Outro aspecto não menos complicado, diz respeito à homossexualidade de Amaro. *Bom-Crioulo* é considerada a primeira grande obra literária brasileira a ter um protagonista homossexual (HOWES, 2005). A sexualidade de Amaro, por esse viés, diferencia-o, portanto, de uma quase totalidade de protagonistas de romances publicados até 1895, ano de sua publicação.

Primeiro, Bom-Crioulo conhece Aleixo, logo fazem dessa aproximação inicial uma amizade. Sem demorar, o sentimento e o desejo de Bom-Crioulo estão entregues ao jovem Aleixo. Nas palavras do narrador, esse deslumbramento é comparado à “atração animal”:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento

indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante coisa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um imã (CAMINHA, 2021, p. 12).

A inclinação de Amaro por outra pessoa do mesmo sexo acrescenta mais uma face a essa personagem. Ao retomar a discussão da tipologia da personagem de ficção (CANDIDO, 2014), poderia ser imaginado que esta é uma personagem complexa: “[...] mas concluímos que as suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender (CANDIDO, 2014, p. 63)”. E Amaro não surpreende, pelo contrário. A sua orientação sexual não faz dele menos previsível, uma vez que o seu desejo segue uma única direção, que é obsessiva por Aleixo. Essa inclinação amplia os caracteres que o fazem uma fera.

N’A trajetória do negro na literatura brasileira, de Proença Filho (2004), o autor interpreta a personagem Bom-Crioulo a partir do estereótipo do “negro pervertido”. Ou seja, a sexualidade de Amaro é utilizada, também, para acentuar o tom degenerativo associado ao negro em relação a seu par branco. Amaro vai até o fim como uma besta, por si só nenhuma particularidade sua o faz menos previsível e simples se tratando de sua estrutura ficcional.

3 A PERSONAGEM NEGRA EM *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA*, DE LIMA BARRETO

O romance de estreia de Lima Barreto traz consigo uma das forças reconhecidas em sua literatura, não considero que seja a possibilidade de ver Isaías Caminha traduzindo as dores de Barreto, mas, acima disso, a capacidade que o autor tem em mergulhar fundo na subjetividade da personagem negra. Diferente de toda a prosa de ficção brasileira que o antecedeu, Lima Barreto constrói um protagonista autorreconhecido negro num universo colonizado. E este também é um narrador-personagem, os direcionamentos da escrita é ele quem dita, o mundo que é apresentado é visto pelos seus olhos, um homem negro pobre.

Nessa esteira, ainda no prólogo de Isaías Caminha a discriminação racial é anunciada como provocativa para a escrita de suas recordações:

Eu me lembrei de escrever estas recordações, há dois anos, quando, um dia, por acaso, agarrei um fascículo de uma revista nacional, esquecida sobre o sofá de minha sala humilde, pelo promotor público da comarca.

Nela um dos seus colaboradores fazia multiplicadas considerações desfavoráveis à natureza da inteligência das pessoas do meu nascimento, notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentida mais tarde, na madureza, com a fraqueza dos produtos, quando os havia, ou em regra geral, pela ausência deles (BARRETO, 2010, p. 63).

A virada do século XIX para o XX, no Brasil, marca a ascensão do racismo científico oriundo de teses positivistas. Dentro do

contexto de emancipação de negros e negras, fez-se necessário para a manutenção da proeminência racial de brancos atacar as capacidades cognitivas de pessoas negras. Nesse sentido, notamos que a percepção de si como diferente, por Isaías, se dá em decorrência do racismo que o branco produz, tensionando-o na sua intimidade. A sua tomada de consciência não necessariamente parte de si para si mesmo ou por meio de algum familiar. Concomitante a isso, instaura-se o complexo entre aceitar a inferioridade racial como verdade ou rejeitar as formas e significados que são produzidas sobre o negro, tal como objeto, afirmando-se como sujeito³, que é o que Isaías faz ao tomar a escrita como ferramenta quase que analítica sobre a sua experiência indo ao Rio de Janeiro em busca de ascender socialmente.

Não obstante, a personagem revela: “[...] a representação da minha personalidade na minha consciência se fez outra, ou antes, esfacelou-se a que tinha construído” (BARRETO, 2010, p. 64). Nesse sentido, há uma aproximação com o que disserta Fanon (2008) sobre o reconhecimento do corpo negro num mundo que não é afeito a sua existência:

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas (FANON, 2008, p. 104).

Apesar da narrativa ser desenvolvida em primeira pessoa, o conhecimento sobre a sua diferença racial se dá pelo branco, o que leva o

protagonista a um constante conflito consigo mesmo e com a sociedade em que tenta penetrar. Assim, retomando Fanon (2008), o cenário que se monta para Isaías é permeado por “uma densa atmosfera densa de incertezas”.

Com essas condições dispostas, Isaías parte para o Rio de Janeiro a fim de encontrar um ofício que o “dignifique” como doutor: “Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor...” (BARRETO, 2010, p. 75). Para Isaías “ser doutor” quer dizer aproximar-se do poder, fazer com que a sua negrura seja redimida diante da conquista que seria “ser doutor”. A ideia de resgate do “pecado original” do nascimento remete à redenção da personagem, assim como também alude à ideologia impregnada no quadro de Modesto Brocos, intitulado como *A redenção de Cam*, que projeta a redenção da raça negra pelo caminho do branqueamento. Ademais, o personagem tem noção de que alcançar um cargo que o alça ao poder não o livraria da discriminação por ser negro, apenas “amaciaria” a sua dor, que o crucifica e o atinge na sua vida como um todo e em todos os sentidos, estruturalmente.

Ao chegar na capital, o jovem Isaías procura pelo deputado Castro, a fim de entregá-lo a carta de recomendação de um coronel a quem o deputado devia favores e que poderia facilitar a vida do protagonista. Depois de muita busca, o jovem descobre onde encontrar o deputado:

Bati. “Quem é?”, perguntou uma senhora do alto da escada, à soleira da porta de entrada. Que podia responder?! Quem era eu? Sei lá... Dizer o

³ As duas perspectivas podem ter consigo um complexo patológico sobre a psicologia da pessoa negra, como salienta Fanon (2008) [1952] em sua fundamental obra *Pele negra, máscaras brancas*.

meu nome?... Como responder?... Afinal, disse bem idiotamente: Sou eu. Suba, respondeu-me ela. Entrei e subi (BARRETO, 2010, p. 117).

Àquela altura, a cabeça de Isaías já estava suficientemente confusa sobre a sua própria elaboração de si como sujeito. Quem era o negro na Corte? “Sei lá”. Calharia em ser ninguém por não ter vínculo a um parente importante, mas tendo uma carta de recomendação poderia ser apenas “eu”, ainda que sem um nome. O produto de uma sociedade erguida sobre o privilégio de classe e de raça, nesse caso, produz não apenas uma satírica confusão mental para o personagem negro e pobre, o seu resultado é o irreconhecimento de si, é ser o estrangeiro, é ter dificuldade em elaborar uma subjetividade que dê conta de sua subalternidade perante um mundo que se organiza em cima de sua exploração enquanto nega a sua existência como sujeito. Assim, o problema de Isaías Caminha pode ser considerado como uma metonímia do problema enfrentado pelo negro brasileiro; não é o negro quem produz o racismo, todavia é sobre ele que recai o problema, o meio social de Isaías é reflexo da ordem racial e social brasileira.

Não bastassem os desencontros e as desilusões que vão amargando a chegada de Isaías ao Rio, é registrado um furto no Hotel Jenikalé e para o jovem é enviada uma intimação da delegacia local. A princípio Isaías estava tranquilo, porque no momento em que se registrou o incidente ele nem no hotel estava. Lembrava-se:

Não havia duas horas que eu, no *restaurant*, me pusera a imaginar grandes coisas. Gregoróvitch incitara-me a trabalhar pela

grandeza do Brasil; fez-me notar que era preciso difundir na consciência coletiva um ideal de força, de vigor, de violência mesmo, destinado a corrigir a doçura nativa de todos nós (BARRETO, 2010, p. 125).

Na sequência, já se apresentando à delegacia ouve: “- Raposo, vou sair: há alguma coisa? / - Nada, capitão Viveiros. / - E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal “mulatinho?”” (BARRETO, 2010, p. 127). E revela:

Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se ajuntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que era na realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada. Hoje, agora, depois não sei de quantos pontapés destes e outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez; aos meus olhos, porém, muito diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal, caído dos meus sonhos, sujo, imperfeito, deformado, mutilado e lodoso (BARRETO, 2010, p. 127-128).

As intempéries vividas por Isaías desde a escola o fizeram projetar uma pessoa, como versou Mano Brown⁴, duas vezes melhor, tal como o personagem conta “diferente do que era na realidade”. Convivendo com o racismo, o personagem se vê “mais forte talvez”, entretanto a imagem que tinha sobre si mesmo era dilacerada, como foi quando chamado de

⁴ Na introdução da canção *A vida é desafio*.

“mulatinho”, numa expressão pejorativa incorporada à forma cordial de exercício do racismo, num sentido que pretensiosamente não se pretende ofender, mas ao mesmo tempo ratifica-se a diferença racial como preponderante ao sujeito. Em outras palavras, antes de ser um homem, ele é um negro, um “mulatinho”. O que faz com que Isaías se veja um homem desencontrado da representação criada sobre si, “diminuído de mim próprio, sujo imperfeito, deformado, mutilado e lodoso”.

Mulatinho é o que antecede “patife, tratante, malandro” (BARRETO, 2010, p. 134), palavras direcionadas a Isaías pelos oficiais de justiça que prestavam serviços à pátria. Não mais suportando passivamente a humilhação na delegacia, depois de ouvir todos os insultos do delegado, eis que o jovem o chama de “Imbecil!”. A possibilidade de desculpar-se evapora quando o personagem reitera o que havia dito. Por fim, é detido. No caminho até o xadrez, Isaías divaga sobre aquele intervalo de horas, do almoço à prisão, onde se via há pouco inflado por um ar patriótico e naquele momento, enquanto um homem negro, era combatido pela pátria.

A representação que se cria do homem negro em *Recordações do escrivo Isaías Caminha* é apresentada por um narrador-personagem que abre a intimidade sobre a sua existência. Como visto, a inferiorização de seu nascimento como um homem de cor é o que dá início à escrita das recordações, portanto, a racialização do personagem é um fato central da narrativa. Assim como, o protagonismo e o poder de narrar, forças que alimentam a subjetividade de Isaías e as arquitetam como um personagem complexo, tanto no plano psicológico como no literário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, traz a personagem Amaro entre os lugares de objeto e sujeito, entre fera e humano. Em diálogo a isso, Ramos (1995) assevera sobre as condições em que o negro é apreendido como tema. Para o sociólogo: “O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção (RAMOS, 1995, p. 215).” Por outro lado, “O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, protético, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje (RAMOS, 1995, p. 215).” Dentro desses aspectos, consideramos *Bom-Crioulo* como um personagem oscilante, enquanto personagem de ficção, o que não quer dizer que sua condição seja de sujeito. Justamente o movimento oscilante o coloca numa encruzilhada de ideias, entre as teses deterministas e os ideais abolicionistas, por exemplo.

Diferentemente, Lima Barreto cria uma nova forma para a existência do homem negro livre, num mundo que ainda parece distante do exercício da cidadania plena, e mais se aproxima da reivindicação pelo reconhecimento de sua humanidade. Dessa maneira, Barreto adentra à subjetividade de um homem negro letrado dentro da capital da República. Numa aproximação íntima do que pode ser entendido como a experiência vivida e a experiência narrada do homem negro, do autor e do personagem. O que se constrói, portanto, é uma noção diferente sobre os efeitos do que hoje se entende como racismo, para o autor a análise era feita sob a pele de

Isaías. A representação que se criou sobre o negro brasileiro foi uma novidade, assim como ser um autor negro também era.

Referências

AZEVEDO, Sânzio. Adolfo Caminha e o Naturalismo. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 14, p. 85-93, 2007. Disponível: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3243. Acessado: 02 ago. 2021.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrívão Isaías Caminha**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. **Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CAMINHA, Adolfo. **O Bom crioulo**. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/bom_crioulo2.pdf. Acessado: 5 jun. 2021.

CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção. In: CANDIDO, Antonio et. al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad.: Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

HOWES, Robert. Raça e sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo de Adolfo Caminha. **Graphos**, v. 7, n. 2/1, p. 171-190, 2005. Disponível:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9459#:~:text=Bom%2DCrioulo%2C%20de%20Adolfo%20Caminha,Marinho%20da%20Cruz%20em%20Portugal>. Acessado: 02 ago. 2021.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**. [S. l.], v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>. Acessado: 15 mai. 2021.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Trad.: André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.